

A SEMANA – 247*

21 de fevereiro de 1897

Estou com inveja aos argentinos. Agora que os gregos surgem de toda parte para correr a Atenas, receber armamento e passar à ilha de Creta, Buenos Aires dá 200 desses patriotas que aí vão lutar contra os otomanos.¹ Nós, que devíamos dar 500, não damos nenhum. Certamente não os temos, ou tão raros são eles que melhor é irem pela calada. Conheci outrora um grego, Petrococchino, homem da praça, e conheci também a Aimée,² uma francesa, que em nossa língua se traduzia por amada, tanto nos dicionários como nos corações. Era uma criaturinha do finado Alcazar, que nenhuma Turquia defendeu da Hélade. Ao contrário, os turcos fugiram e a bandeira helênica se desfraldou na Creta da rua Uruguaiana... E daí é possível que nem mesmo este Petrococchino fosse grego.

Notório, como ele era, não os temos agora. Na lista da polícia, aparecem às vezes nomes de gregos, como de turcos, mas a gente que cultiva a planta noturna pode adorar a cruz e o³ crescente, não se bate por ele nem por ela. Eu quisera, entretanto, ver partir daqui, rua do Ouvidor abaixo, uma falange bradando para ser entendida da terra os versos de Hugo: *En Grèce! en Grèce!*⁴ Lembras-te, não? Se és do meu tempo não

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 52, p. 1, 21 fev. 1897), SEMMA (p. 424-428) e SEM1953 (v. 3, p. 418-424). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Não localizamos a informação.

² Aimée Tronchon era atriz e foi a grande estrela do Alcazar, café-concerto localizado na rua da Vala (atual Uruguaiana). Segundo Ubiratan Machado (2021, p. 31), a atriz chegou ao Rio de Janeiro em 16 de junho de 1864: “Machado referiu-se a ela em crônica publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, de 3 de julho de 1864, como ‘um demoninho loiro, – uma figura leve, esbelta, graciosa, uma cabeça meio feminina, meio angélica, uns olhos vivos, – um nariz como o de Safo, – uma boca amorosamente fresca, que parece ter sido formada por duas canções de Ovídio, – enfim a graça parisiense, *toute pure*’. [...] O adeus ao público brasileiro se deu a 18 de agosto de 1868. No dia 24 desse mês, regressava à França.” A atriz faleceu em 1887, deixando seus bens para um orfanato.

³ e o] o – GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

⁴ “À Grécia! À Grécia!” [Trad. nossa] Primeiro verso do poema “Enthousiasme” (1827), de *Les orientales* (1829), de Victor Hugo. Adiante, nesta crônica, Machado de Assis se refere a esse poema. Na primeira parte do século XIX, a guerra de independência da Grécia (1821-1832) contra o Império Otomano inspirou largamente intelectuais europeus e americanos. Na França, jovens – como, por exemplo, Victor

esqueceste que tu e eu, quando expeitorávamos os primeiros versos que os rapazes trazem consigo, as *Orientais* contavam já trinta anos e mais. Mas era por elas que ainda aprendíamos poesia. Trazíamos de cor as páginas contemporâneas da revolução helênica, e do bravo Canáris, queimador de navios,⁵ e da batalha de Navarino, e da marcha turca, e de toda aquela ressurreição de um país meio antigo, meio cristão. *En Grèce!* cantava o poeta, pedindo que lhe selassem o cavalo e lhe dessem a espada, que queria partir já, já, contra os turcos; mas a lira mudava subitamente de tom, e o poeta perguntava a si mesmo quem era ele. Confessava então não ser mais que uma folha que o vento leva, nem amar outra coisa mais que as estrelas e a lua. Tão pouca coisa não era nos demais versos em que cantava os heróis gregos, mas Hugo lembrava-se de Byron...⁶

Com efeito, Byron, armando-se para ir ao encontro do muçulmano, se teve o melancólico desfecho de 1824, nem por isso perdeu o brilhante arranco de 1823; era preciso fazer coisa idêntica ou análoga. Não se podia convidar a bater os turcos sem ir pelo mesmo caminho. Um poeta lírico tinha de ser efetivamente épico. E vede bem este grande homem, que ainda ontem Olavo Bilac evocava aqui,⁷ naquela prosa sugestiva que lhe conheces, vede bem que não estava aborrecido nem cansado: acabava de escrever os últimos cantos de *Don Juan*, e não sorvera ainda os últimos beijos da Guiccioli.⁸ Para levar alguma parte desta para a Grécia, levou-lhe o irmão, cunhado *in partibus infidelium*,⁹ e meteu-se em navio que fretou, com um médico e remédios para mil homens durante um ano. Na Grécia organizou e equipou umas centenas de soldados e pôs-se à testa deles. Nem todos poderiam fazer as coisas por esse estilo grandioso. Era, ao mesmo tempo que um ato heroico, uma aventura poética, um apêndice do *Childe Harold*.¹⁰ A febre não quis que ele perecesse na ponta de uma adaga otomana. Missolonghi avisou assim aos demais poetas que não saíssem a campo, em defesa da velha Grécia remoçada,

Hugo – reconheciam na luta do povo grego seu próprio ideal de liberdade. Em luta desde 1821, os revoltosos gregos proclamariam a independência da Grécia contra a ocupação otomana no ano seguinte, em Epidauru. A Batalha de Navarino (1827) foi decisiva na guerra de independência: esquadras britânicas, russas e francesas atacaram e destruíram a esquadra otomana, posicionada na baía de Navarino, na costa ocidental do Peloponeso.

⁵ Konstantinos Kanáris (1795-1877) destacou-se na guerra de independência; posteriormente, tornou-se político e ocupou o cargo de primeiro-ministro do país.

⁶ Georges Gordon Noel Byron (1788-1824), poeta britânico, participou da Guerra de Independência da Grécia, falecendo em Missolonghi, na Grécia Ocidental.

⁷ A crônica de Olavo Bilac foi publicada no “rodapé” da *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 51, p. 1, col. 1-8, 20 fev. 1897), e assinada por “Fantásio”, um dos muitos pseudônimos do escritor.

⁸ Em 1819, Byron escreveu *Don Juan*, poema satírico-cômico; nesse mesmo ano, na Itália, relacionou-se com a condessa Teresa Gamba Guiccioli (1800-1873); em 1824, Pietro Gamba (1801-1827), irmão de Teresa, acompanhou-o à Grécia.

⁹ “para as regiões dos infiéis” [Trad. nossa]: referência à Grécia ocupada por otomanos (muçulmanos).

¹⁰ *Childe Harold*] *Child Harold* – em SEM1953. *Childe Harold's Pilgrimage* (A peregrinação de Childe Harold), 1812-1818: poema de Byron, que narra viagens e contém reflexões de um homem jovem e melancólico em terras estrangeiras.

não por medo de morrer ali ou alhures, mas porque o exemplo de Byron devia ficar com Byron. O epitáfio do poeta tinha de ser único.

Ao concerto universal daquele tempo não faltaram líras nem poetas. Cada língua teve o seu Píndaro.¹¹ Lembra-te de Lamartine;¹² lembra-te de José Bonifácio,¹³ cuja célebre ode clamava aos gregos, com entusiasmo: *Sois helenos! sois homens!* Compara ontem com hoje. Talvez o ardor do romantismo ajudou a incendiar as almas. Os olhos estavam ainda mal acordados daquele vasto pesadelo imperial, que fora também um grande sonho, campanhas de conquista e de opressão, campanhas de liberdade, tudo feito, desfeito e refeito; a reconstrução da Grécia pedia uma cruzada particular. Cimódoce pergunta a Eudoro: “Há também uma Vênus cristã?” Esta Vênus era agora a própria Grécia convertida, como a heroína de Chateaubriand,¹⁴ e conquistada ao turco depois de muito sangue.

Que os helenos são homens é o que estás vendo agora, quando toda a faculdade de medicina internacional cuida de alongar os dias do “enfermo”, com os seus xaropes de notas e pílulas de esquadras sem fogo. Os ínfimos gregos não se arreceiam e, cansados de ouvir gemer Creta, lá se foram a arrancá-la dos braços otomanos. A diplomacia é uma bela arte, uma nobre e grande arte; o único defeito que há nas suas admiráveis teias de aranha é que uma bala fura tudo, e a vontade de um povo, se algum santo entusiasmo lhe aquece as veias, pode esfrangalhar as mais finas obras da astúcia humana. Se a Grécia acabar vencendo, as grandes potências não terão sido mais que jogadores de voltaretes a tentos.

Que outra coisa têm sido elas, a propósito das reformas turcas? As reformas vêm, não vêm, redigem-se, emendam-se, copiam-se, propõem-se, aceitam-se, vão cumprir-se e não se cumprem. Vereis que ainda caem como as reformas cubanas, que, depois de tanto sangue derramado, vieram pálidas e mofinas. Ninguém as quer, e o ferro e o fogo continuam a velha obra. Assim se vai fazendo a história, com aparência igual ou vária, mediante a ação de leis, que nós pensamos emendar, quando temos a fortuna de vê-las.¹⁵

¹¹ Píndaro (522-443 a.C.), poeta grego. Um de seus poemas – a “Décima pítica” –, alerta os homens sobre os perigos da guerra e os benefícios da paz.

¹² Alphonse de Lamartine (1790-1869) era escritor, poeta e político francês. Dedicou uma de suas *Méditations poétiques* a lord Byron, em cujo “comentário”, demonstrou grande admiração pelo gesto byroniano generoso de ir lutar pela independência da Grécia. (LAMARTINE, 1860, p. 77-90)

¹³ José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi poeta e estadista brasileiro. Autor do poema “Ode aos gregos” (1827), de que é verso o “Ser Helenos, ser homens.” O cronista ajustou o verso ao texto.

¹⁴ Eudoro e Cimódoce são personagens jovens e apaixonados de *Les martyrs (Os mártires)*, de Chateaubriand (1768-1848).

¹⁵ A *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 55, p. 2, col. 1-2, 24 fev. 1897) publicou uma matéria intitulada “EUROPA / REFORMAS PARA CUBA”, em que se lê: “A *Gaceta*, órgão oficial do governo espanhol, publicou o projeto das reformas para Cuba, precedido dum extenso preâmbulo, expondo os antecedentes do propósito do governo em dotar a ilha de Cuba com pessoal local administrativo, satisfazendo a necessidade real que a ilha experimenta do *self government*, capaz de dar àquele país uma grandíssima parte na administração dos seus próprios interesses, a fim de que tome sobre si a responsabilidade dos seus atos, mantendo intacta a soberania e condições indispensáveis de subsistência. O decreto consta de

Muita vez não as vemos, e então imitamos Penélope e o seu tecido, desfazendo de noite o que fazemos de dia, enquanto outro tecelão maior, mais alto ou mais fundo e totalmente invisível compõe os fios de outra maneira, e com tal força que não podemos desfazer nada. Sucede que, passados tempos, o tecido esfarrapa-se e nós, que trabalhávamos em rompê-lo, cuidamos que a obra é nossa. Na verdade, a obra é nossa, mas é porque somos os dedos do tecelão; o desenho e o pensamento são dele, e presumindo empurrar a carroça, o animal é que a tira do atoleiro, um animal que somos nós mesmos... Mas aí me embrulho eu, e estou quase a perder-me em filosofias grossas e banais. Oh! banalíssimas!

Domingo próximo é possível que te explique esta confusão da minha alma. Estou certo que me entenderás e aplaudirás. Além da confusão da alma, imagina que me dói a testa em um só ponto escasso, no sobrolho direito; a dor, que não precisa de extensão grande para fazer padecer muito, contenta-se às vezes com o espaço necessário à cabeça de um alfinete.¹⁶ Também esta reflexão é banal, mas tem a vantagem de acabar a crônica.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 52, p. 1, 21 fev. 1897. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15801>.

quatro artigos. O primeiro amplia as reformas da lei de março de 1895, conforme as dez bases que enumera. O segundo preceitua a obrigação do governo de reunir num só corpo as ditas bases e as da lei de março de 1895. O terceiro dispõe a sua aplicação a Porto Rico, e o quarto determina que o governo fixará a data da aplicação das reformas tão breve quanto o permita o estado da guerra de Cuba.” Segue-se uma descrição do conjunto das “bases das novas reformas”.

¹⁶ Ver “A Semana – 248”, de 28 de fevereiro de 1897, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011. t. III, 1890-1900.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

CHATEAUBRIAND, F. de. *Les martyrs, ou Le triomphe de la religion chrétienne*. Paris: Le Normant, Imprimeur-Libraire; Lyon: Ballanche, Pére et Fils, Libraires, 1810. v. III.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMARTINE, Alphonse de. *Oeuvres complètes de Lamartine publiées et inédites. Méditations poétiques avec commentaires*. Tome premier. Paris: Chez l'Auteur, 1860.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

SILVA, José Bonifácio de Andrada. *Ode aos gregos; por um brasileiro*. Paris: Tipografia A. Beraud, 1827.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.